

# JUSTIÇA E

ESPECIAL

# NÃO-VIOLÊNCIA



Serviço Nacional Justiça e Não-Violência — SERPAJ BRASIL SDS - ED. Verândo V - S'313 - Brasília - DF 70.300 Tel. (061) 225-8738

Boletim Nº 07 - 1989 - Editado pelo núcleo de Florianópolis CX. Postal 3387 - CEP 88.000 SC

## OBJEÇÃO DE CONSCIÊNCIA

AGORA VOCÊ JÁ PODE  
DIZER NÃO AO  
SERVIÇO MILITAR



LEIA O ART 143 DA  
CONSTITUIÇÃO BRASILEIRA  
E CONHEÇA ESSE DIREITO

VOCÊ TEM O DIREITO DE  
OPTAR POR SERVIR A PAZ.

SERPAJ-BRASIL  
FPOLIS-SC

## Seção de Cartas

Não podemos nos esquecer:

## Massacre em Volta Redonda

O assassinato de operários metalúrgicos da Companhia Siderúrgica Nacional, em Volta Redonda, por tropas do Exército Brasileiro e por PMs do Rio de Janeiro significa uma afronta direta à Constituição recentemente promulgada e à própria sobrevivência do processo democrático em nosso país.

As entidades abaixo firmadas, conscientes da gravidade dos acontecimentos, denunciam e advertem a população, sobre o seguinte:

1. O sítio militar imposto aos metalúrgicos, como resposta ao legítimo movimento de reivindicação constituir sério atentado ao direito à greve previsto na Nova constituição. Não pode um mero representante do Executivo, respaldado numa decisão de um juiz de primeira instância, ultrapassar esse direito.

2. A greve dos metalúrgicos é legítima. Ela, na verdade, busca simplesmente implementar na prática, direitos conquistados pelos trabalhadores (turno de seis horas, direito de greve, liberdade de organização e outros). O desatendimento das decisões tomadas pela Assembleia Nacional Constituinte, pelo Exército Brasileiro, com a conivência do Poder Executivo e por setores do Judiciário é que constitui grave atentado ao processo democrático.

3. Finalmente, diante do agravamento da situação, exigimos que o Congresso Nacional, solidário com as forças democráticas do país, assumia o seu papel, reunindo-se imediatamente para defender o processo democrático brasileiro.

do-se imediatamente para defender o processo democrático brasileiro.

Os acontecimentos de Volta Redonda, juntamente com a repressão generalizada a outros movimentos grevistas, em diversas partes do país, evidenciam a inviabilidade de tão propagado pacto social.

Que parte pode haver, quando operários desarmados estão sendo assassinados pelas forças militares?

O momento é de mobilização de todas as forças progressistas contra a tentativa de militarização das relações sociais do país.

**CUT - CENTRAL ÚNICA DOS TRABALHADORES**

Federações: FITTEL, FENAJ, FASUBRA, CUB, FENASFS, ANDES

Sindicatos: Rodovários, Auxiliares, Professores, Processamento de Dados, Psiquiatras, eletricitários, Economistas, Vigilantes, SINTTEL, Servidores Federais, Servidores do GDF, Sincapa, Radicais, Assistentes Sociais, SINTES, Jornalistas, Gráficos, Arquitetos, Enfermeiros, Químicos, Sind. Legis, SENALBA, ASSEPAS, ASSAB, AOE, ADUNB, SINDICATAO, Alternativa Sindical, Bancária, Aposentados e Pensionistas, ASSIBGE, Médicos, Bancários, Comerciantes, Engenheiros, MNDCH, INESC, SERPAJ, UJS, UMESB, Caritas, Movimento Popular das Mulheres, DGE, CUBR e UnB

Partidos: PT, PSDB, PCB, PDT, PC do B, PSB

## Presença do SERPAJ-Brasil na Europa

Foi uma experiência muito interessante e vivida nos 50 dias na Europa. Estive na Finlândia de 15 a 24 de julho na Ilha de Åland, participando da Trienal da WRI-War Resisters International ou Resistentes Internacionais da guerra. Havia umas 200 pessoas de 40 países. Foi uma do poder do povo e as lutas não-violentas em cada país. Os ativistas presentes eram: Ojeiros de Consciência, Educadores para a Paz, Feministas não-violentas, Gandianos, Brigadas de Paz, ativistas contra os foguetes bélicos e ecologistas. Gente que está na luta não-violenta contra a opressão, a favor do meio ambiente, dos direitos humanos e a criação de uma sociedade civil.

Os temas foram: Organização da resistência não-violenta, estratégias para a desmilitarização, construção de uma sociedade civil, construção de um movimento internacional para a paz e o papel dos pacifistas.

Em Lund no sul da Suécia estive na END-Desarmamento Nuclear na Europa de 28 de junho a 03 de julho. Tinha 1.000 participantes de muitas nações. Representantes de entidades que lutam pela paz e pela desarmamentação.

A guerra está muito presente na Europa, muitos países ainda sofrem as consequências da guerra e a luta contra as míssiles, as bases nucleares é de vital importância para a manutenção da paz.

Há muita discussão sobre a questão leste-oeste. Bloco socialista e bloco capitalista, estão procurando o diálogo para solucionar os conflitos existentes entre os mesmos. É importante a abertura política e econômica da União Soviética.

A dificuldade que há para que membros de movimentos para a paz dos países socialistas participem de Encontros sobre a paz no oeste, não conseguem vistos, são proibidos de sair de seus países. Mas consideram já um avanço porque há participação de pessoas da Hungria, Checoslováquia, Polónia, URSS e Alemanha do leste.

Depois estive na Alemanha Ocidental participando de um Encontro sobre Teologia da Libertação em Hofgismar-8 a 10 de julho. Estavam presentes teólogos da Alemanha que discutem a teologia da libertação. 5 brasileiros, pastores luteranos que fazem doutorado e outros que moram na Alemanha. Foi a experiência nas comunidades eclesiais de base no Brasil e as lutas do povo por uma sociedade nova.

Na Itália estive em Assis — 23 de julho a 30 de agosto. Participei do treinamento sobre Não-violência ativa dado por Hildegard e em Goss, que foram os incentivadores para a criação do SERPAJ-AL.

Estudamos, analisamos os métodos e estratégias da não-violência ativa, imbuídos da mística não-violenta, baseado no evangelho, em especial o sermão da montanha.

Foram utilizadas e estudadas a técnica do consentimento, muito importante para os militantes da não-violência.

Também participei do congresso da IFOR-International Fellowship of Reconciliation ou Movimento Internacional de Reconciliação, estava como representante de SERPAJ-AL. Também estava o Fernando Aliaga de Chile, havia aproximadamente 150 pessoas de 40 países. Gente de muitas religiões, budistas, hindus, judeus, católicos, luteranos, islâmicos, africanos.

Ana Odália Vieira Sena.

Estimados companheiros del SERPAJ-AL:

Grandes foram los daños causados por el huracán Joan aquí en Nicaragua. La zona costera fue totalmente destruida: Bluefields y Rania casi desaparecieron del mapa; el 90% de todo fue destruido. En todo el país no sólo las casas fueron arrasadas sino que también 80% de las plantaciones fueron destruidas. Hay más de 300.000 desahuciados, aproximadamente unos 150 muertos y 50 desaparecidos. La desolación es muy grande en todo el país.

Gracias a la eficiencia organizativa del Gobierno y del pueblo se evitaban mayores desgracias evacuando cerca de 500.000 personas. Propiamente solo murieron aquellas personas que no quisieron abandonar sus casas. Esta organización dio pruebas de que el Pueblo de Nicaragua está bien organizado y unido con el Gobierno Sandinista. El Gobierno, y en especial el Presidente Ortega, estuvo siempre presente en los mayores peligros, sin dudar durante 3 meses al igual que miles de personas de todas las organizaciones del país.

Queremos decirles que Cuba fue el país más solidario, tanto que Fidel Castro había dado ordenes para que los pilotos no dudarán en arriesgar sus vidas para garantizar en medio al vendaval y fin de salvar vidas. Están llegando ayudas de varios países, incluso del pueblo de los Estados Unidos. Sin embargo, los Contras atacaron Nicaragua en medio a esta desgracia, probando que el Imperio de Reagan quiere la muerte y la guerra para el pueblo de Nicaragua. Estamos trabajando duro

y haremos una caminata por la Paz hasta Honduras.

**SOCORRO URGENTE:** Le pedimos urgentemente a la Coordinación Latino-Americana del SERPAJ que envíe esta carta a los demás SERPAJs para que nos envíen medicamentos, ropas, alimentos e incluso efectivo para que el SERPAJ-NIC pueda entregar a los afectados. Les pedimos que sean generosos y que no sólo se limiten a un mero gesto de solidaridad. Necesitamos de ayudas grandes y bien concretas, pues este Pueblo valiente de Nicaragua, tan duramente golpeado por la guerra del Imperio del Norte, ahora también sufre el duro golpe del huracán, que arrasó con todo por donde pasó dejando al país en la mayor crisis de la historia. El SERPAJ-AL nos podrá ayudar bastante en este proceso revolucionario haciendo que el mismo tenga mayor credibilidad delante de otros pueblos que no creen en esta nueva sociedad fraterna y igualitaria.

Confiante en que todos los SERPAJs atenderán a este grito de socorro de todo el Pueblo de Nicaragua, el SERPAJ-NIC hará todo para afirmarse en bases bien sólidas en esta nueva fase, para la construcción de la Justicia y la Paz en nuestro país y en el mundo.

En nombre de este Pueblo herido y tan golpeado, les agradecemos encarecidamente, en estos momentos de tantos desafíos.

Atentamente, por el SERPAJ-NIC  
Ninoshka Doña Nicaragua - Tesorera  
Secretaria  
Frei Leroy Frederico Smaniotto,  
OFM

(Queridos compañeros nortistas),

Y como, por medio desta, informamos sobre a ação que o SERPAJ-Brasil e os outros SERPAJs da América Latina estão iniciando: trata-se da candidatura de Dom Paulo Evaristo Arns para Prêmio Nobel da Paz para o ano de 1989.

Tivemos uma primeira reunião no Rio de Janeiro, onde participou Altamir Lobes representando o SERPAJ-Brasil, aí decidiu-se que avisaríamos aos grupos do SERPAJ-Brasil, para que os mesmos saibam e sejam consultados sobre o lançamento da campanha.

Gostaríamos de salientar que a ideia da candidatura é uma decisão do último Conselho Colegiado Latino-Americano em La Paz, Bolivia, proposta por Adolfo Pérez Esquivel.

Pensamos que esta seria uma ação muito importante para dar nossa solidariedade a Dom Paulo, pois ele vem sofrendo muitas pressões sobre o seu trabalho, que vem desempenhando em sua arquidiocese.

Estamos enviando um artigo um artigo que saiu no jornal FOLHA DE SÃO PAULO, sobre

um dos trabalhos que a arquidiocese de São Paulo vem desempenhando.

Pensamos que, como primeira ação em prol da campanha, os grupos poderiam realizar uma pesquisa nas suas bases, e daí tirarem opiniões sobre a candidatura; poderiam também explicar um pouco o que é prêmio Nobel da Paz, e para que ele é entregue. Perguntar se eles conhecem Dom Paulo e o seu trabalho.

Talvez estas perguntas ajudem. As respostas poderão ser enviadas à Coordenação do SERPAJ-Brasil. Assim, nós faremos um dossiê que ajudará no desenrolar da campanha.

O lançamento oficial da Campanha está previsto para março/89. Ainda não temos o dia certo. Quando tivermos os resultados da primeira reunião da comissão, que está marcada para fevereiro, enviaremos mais notícias.

Vamos levar a sério esta campanha, para que possamos apoiar a quem tanto após a luta dos oprimidos deste nosso povo.

Um forte abraço a todos.

Marco Antonio

### Pronunciamento

#### El servicio Paz Y Justicia en Nicaragua (SERPAJ-NIC)

Remitido el día, sábado, 15 de Octubre de 1988 en Asamblea realizada en Managua.

Nos pronunciamos en contra de la prohibición del Vaticano, que silencio a nuestro hermano obispo Pedro Casariego y la expulsión arbitraria sufrida por el Padre Ubaldo Gervasoni de la Parroquia de Wasla, en contra de la voluntad de la comunidad.

Solo por el delito de haber asumido una actitud Política como demandó el Señor de la Verdad, de anunciar el Evangelio de la liberación de los oprimidos y denunciar a los opresores, constructores de la Vida e instrumentos del Imperio Yankee.

Denunciamos el atropello que el Vaticano ha hecho a los derechos que provie-

nen de la Orden de Nuestro Señor Jesucristo.

1. Predicar el Evangelio en cualquier lugar y tiempo.

2. Denunciar las injusticias de los opresores y poderosos.

3. Solidarizarse con los débiles y oprimidos que son los preferidos de Dios.

Nos acordamos y nos da fe que los Superiores y Jerarcas de la Iglesia no asuman un Pastoral como la que nos enseñó nuestro Señor Jesucristo de dar su vida por sus ovejas, defensorías de las alianzas del Lobo Imperialista que todavía se aterroriza y destruye, cuando los Jerarcas dejen de ser los primeros en defender el rebaño y apoyar a los Pastores en estas tareas evangelizadoras.

#### EXPEDIENTE

Ivonne Maria Perassa  
Fátima Regina Cruz  
Maria de Fátima D. de Araújo  
Cida Dantas  
Cida Freitas  
Paula e Lúcia  
Jesus M. Jimenez

# O que é objeção de consciência?

## Campanha internacional contra o recrutamento

Tendo em conta a situação atual na maioria dos países europeus, torna-se necessário repensar a concepção da objeção de consciência a partir de um ponto de vista antimilitarista.

Encarremos a objeção de consciência como uma forma de desobediência civil que vai para além da esfera individual. A nossa opção é, antes de mais nada, uma decisão responsável e coletiva pela não-participação no sistema militar e no seu conceito de defesa, questionando-se, assim, a militarização da sociedade.

A situação presente leva-nos a uma constatação incontornável: a prestação de um serviço civil por parte de milhares de objetores não desencadeou, nas nossas sociedades, um verdadeiro debate sobre o papel do exército.

Até que ponto o serviço civil contribuiu para a consolidação do militarismo na sociedade? Vejamos, sucintamente, algumas das inquietações que nos podem ajudar a responder a esta questão:

Os objetores não são já vistos como pessoas empenhadas numa ato de desobediência civil, mas antes como indivíduos que se limitam a recusar o porte de armas em consequência de um mero problema pessoal. Consequentemente, o seu comportamento não expressa um desafio à militarização.

Os déficits argumentativos da assistência social, provocados pela prioridade que é dada às despesas militares, são compensados pelo trabalho dos "dissidentes" assimilados que trabalham nesses serviços.

Em relação a alguns países europeus, é cada vez mais evidente que o chamado "serviço cívico" é uma parte integrante dos planos de guerra.

Mas nós não queremos participar nesse jogo!

O serviço militar não tem sentido. Daí que não seja necessário garantir um serviço que o substitua, mas antes se deva tentar abolir-lo (isto em relação a todos os exércitos).

Neste contexto, nós assistimos, por um lado, ao crescimento dos objetores totais na Europa (sobretudo nos países escandinavos), e por outro, ao fato do serviço civil estar a ser implementado numa série de



outros países europeus.

Estes fatos levam-nos a concluir que é conveniente iniciar uma campanha em toda a Europa, contra o recrutamento. Tendo em conta uma realidade que é diferente de país para país, esta campanha passa pela condenação dos esforços a diferentes níveis desde a recusa coletiva do "serviço civil" até ações internacionais de solidariedade.

De forma a atingir o nosso verdadeiro objetivo a abolição do recrutamento como um passo fundamental em direção a uma sociedade não violenta e desmilitarizada.

**Contra o julgamento da Consciência**  
Acreditamos que qualquer motivo que seja invocado para se recusar o serviço militar deve ser aceite. O essencial reside na opção que nos leva a dizer "não".

A fim de evitar as discriminações de algumas motivações, os governos deveriam exigir dos objetores uma declaração mínima e idêntica, para todos, onde estes declarariam a sua indisponibilidade para o cumprimento do serviço militar.

Esta política já é seguida na Finlândia, Dinamarca e França.

### Serviço Civil

Um verdadeiro serviço para a paz deve ser voluntário. Assim, nós não reconhecemos a nenhum Estado o direito de instituir um serviço obrigatório.

No entanto, enquanto o recrutamento existir em alguns países, o serviço civil deveria respeitar as seguintes condições:

— Este serviço não deve ter qualquer

relação com as estruturas militares.

— Deve haver inteira liberdade na escolha das instituições onde este serviço é prestado, seja no país de origem ou no estrangeiro. Além disso, o trabalho no movimento não violento e nas instituições que se dedicam à investigação sobre a paz deve ser prioritário.

— O serviço civil deve respeitar os direitos humanos.

— Este serviço não deve ser mais longo do que o serviço militar.

— Deve ser completamente financiado pelo Estado.

### A situação na área dos balcãs

Queremos exprimir a mais profunda preocupação pela situação que se vive numa área tão sensível como os Balcãs (Turquia, Albânia, Grécia, Bulgária e Iugoslávia), ponto de confluência de diversos interesses políticos, ideológicos e nacionais. Muitos destes países vivem um bloqueio da informação. No entanto, sabe-se que esta área é palco de uma militarização crescente assistindo-se, ao mesmo tempo, a constantes violações dos direitos humanos e políticos.

No que toca à Iugoslávia e à Grécia, pensamos que não existem obstáculos sérios à coexistência pacífica destes dois países. Mais contactos entre estes países nomeadamente através de entidades independentes poderiam ter um papel importante.

Assim o reconhecimento do direito à objeção de consciência na Grécia e Iugoslávia poderia constituir um primeiro passo em direção à liberdade de consciência em toda a Zona do globo.

### A Objeção de consciência na Europa do Leste

Por para nós motivo de contentamento a possibilidade de discutirmos neste encontro os documentos sobre objeção de consciência que haviam sido adotados pelo seminário "Liberdade e Paz", um acontecimento inédito e com caráter independente, que teve lugar em Varsóvia, em maio de 1987.

Foi este o ICOM (assim como os outros encontros internacionais) foi novamente marcado pela ausência de participantes oriundos de países como a Polónia, a Alemanha Democrática, a Hungria, a Checoslováquia, e a União Soviética. Isto deve-se a vários obstáculos às deslocações do Leste para o Ocidente. Temos

plena consciência de que a problemática questão relativa à paz pode ser discutida em profundidade sem a participação dessas pessoas.

Consideramos que a objeção de consciência é um tema central em qualquer debate sobre a Paz. Isto na medida em que a objeção constitui o desafio mais direto à imagem do inimigo, que cria as fronteiras entre os homens. Essa imagem mental e, infelizmente, uma faculdade de pensamento veiculada pela propaganda dos blocos políticos militares e destinada a ser interiorizada pelas pessoas. Neste contexto a objeção de consciência torna-se uma manifestação concreta dum empenhamento na paz e nos direitos humanos apontando assim para a necessidade de transformações políticas que sejam acompanhadas por uma manifestação da consciência humana.

As propostas de desarmamento feitas pelos governos não oferecem perspectivas reais na qual tem a redução dos exércitos e das suas arsenais. Consequentemente, devemos continuar nos nossos mitos a defesa da paz e dos direitos civis.

A crescente comunicação entre grupos e indivíduos dos países em causa permite já a circulação regular de informação sobre as diversas situações no campo da objeção de consciência. Os dados avulsos e dirigidos aos governos nos os seguintes pedidos:

— Que o livro exercido na objeção de consciência possa ser uma realidade naquelas países onde é ainda um direito espremeado.

— Que os acordos e recomendações adotados por organismos internacionais sejam respeitados (nomeadamente a resolução sobre o objecto de consciência das Nações Unidas e, no que toca à Grécia e à Bulgária, a resolução do Conselho da Europa).

— Nos países onde não existe um estatuto dos objetores de consciência ao serviço militar, que estes sejam imediatamente libertados. Em particular, apelamos aos governos para que libertem os objetores recentemente presos na Grécia, na Hungria, na Iugoslávia na Polónia e na Bulgária.

Apelamos aos indivíduos e aos grupos para que:

— estimulem e organizem encontros internacionais de objetores;

— elaborem concepções de serviço civil que tenham em conta uma dimensão internacional;

— estimulem tratados de paz entre indivíduos e grupos de blocos militares diferentes.

# Linhas de ação — SERPAJ/BRASIL

Desde 1978, o Serviço Nacional Justiça e Não-Violência — Serpaj-Brasil, criticando o atual governo militar, atua numa luta ininterrupta pelos Direitos Humanos, na defesa da justiça e da paz através da força da verdade e da firmeza permanente.

Temos como característica peculiar a prática da luta não-violenta, estando atuando em constante integração com os movimentos populares e entidades sãs.

Nesse trabalho atuamos em estreitos laços, presentes nas diversas lutas, visando a encontrar novos métodos que sejam eficazes para se chegar às soluções que se fazem necessárias. No decorrer dessas atividades, procuramos estabelecer diálogos e questionamentos que levam à conscientização e à ação numa perspectiva de transformação social, objetivando a construção de uma sociedade justa, fraterna, igualitária e não-violenta.

Nesses dez anos de existência, constatamos avanços significativos na consciência de nossa entidade: o crescimento e a melhor organização de nossos grupos, a realização mais frequente de encontros de formação a nível local, regional e nacional, e o surgimento de novos líderes, a promoção e participação de atividades realizadas conjuntamente com alguns países vizinhos. Tudo isto resulta que cada vez mais pessoas estão percebendo a eficácia da não-violência como estratégia alternativa de solução de conflitos.

Assim sendo, querendo dar continuidade às lutas de nossos grupos conforme as realidades nos trabalhos já iniciados, nasce o primeiro documento (o qual será assinado e comprometido de cada um de nós) em três linhas de ação: Reforma Rural e Urba-

na, Educar para a Paz e Integração Latino-Americana.

### REFORMA RURAL E URBANA

Sabemos que a necessidade da Reforma Rural e Urbana, apesar do retrocesso nessas áreas na Nova Constituição, é urgente e essencial para dar condições mínimas de vida digna a milhões de brasileiros. Precisamos de pesquisas, estudos, levantamentos, estando sendo a situação social e econômica do país, longe da violência da UDE, que tenta destruir e cujas organizações, as cortinas e as favélas crescem descontroladamente mais e mais.

Acreditamos que precisamos alcançar esta crise, juntamente com outras entidades que vem dedicando-se a esta luta. É necessário centralizar forças, tendo como base o lema, discutir, elaborar métodos mais eficazes que sejam criativos e levar a superação das dificuldades, encontrando soluções viáveis para os conflitos.

Assim, o Serviço Nacional Justiça e Não-Violência — Serpaj-Brasil, quer contribuir para a melhoria da conscientização popular sobre as questões rural e urbana, reforçando suas lutas utilizando-se das práticas de diálogo não-violento, como forma alternativa de resolução de conflitos e recuperação do chão. Quer prestar solidariedade a todos os grupos que lutam a organização e o conceito de vida digna, do aumento de todos os níveis de violência contra pessoas e grupos.

### EDUCAÇÃO PARA A PAZ

Logo hoje é necessária a uma educação voltada para a promoção e defesa da Paz e dos Direitos Humanos. Estes dois conceitos estão intrinsecamente ligados.

disse: não há paz se não houver justiça — a paz é plena realização da dignidade humana.

Acreditamos ser a educação uma das vias de transformação social, apesar de, em nossas instituições educacionais, não estar ligada à realidade da realidade, estimulando o espírito crítico e a participação em nossos estudantes. A educação precisa ser real, consciente, igual para todos, estimulando o espírito crítico e defensor dos Direitos Humanos — é necessário quebrarmos as correntes da competitividade, da agressividade e da violência presentes nas entidades, nas práticas e comportamentos em sala de aula, tanto por parte dos professores como dos alunos.

Tem-se a grande urgência na formação de militantes conscientes e capacitados para a atuação, para a paz que oriente as pessoas as situações de conflitos, levando-as à organização para libertação de todas as formas de dominação. Precisamos promover e estimular a educação responsável na a tentativa de dar, de uma perspectiva de educação para a democracia, para o Direito Humano e para a Paz.

Nas linhas de ação estão presentes os trabalhos do Serviço Nacional Justiça e Não-Violência vem desenvolvendo um nível de respeito aos direitos humanos, com o movimento da vida, da Paz e apoio aos grupos ligados à defesa do meio ambiente. Quer para não ter a sensação de que a educação, divulgando a educação do Serviço Civil, promovendo a educação de consciência, a educação para a cidadania, a nova Constituição Brasileira artigo 141, § 1º. E uma responsabilidade de todos os grupos do Serpaj-Brasil.

### INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA

Tendo presente que a América Latina é marcada

por grandes traços de opressão que pesam sobre nossos povos e por características que nos fazem perceber que a violação dos direitos fundamentais da pessoa humana constitui sendo comum nos países latino-americanos.

Com a liberdade dos povos latino-americanos não se dá de forma isolada, indolente, as experiências de lutas desenvolvidas pelos movimentos populares na América Latina são essenciais e fortalecimento para os países de lutas e inclusive para os nossos grupos de base.

Nesse sentido, o Serviço Nacional Justiça e Não-Violência quer dar continuidade às atividades que visam uma maior solidariedade e fraterna cooperação entre o Serpaj-Brasil e outras entidades.

Dentro destas perspectivas de ação, o Serviço Nacional Justiça e Não-Violência — Serpaj-Brasil, vem desenvolvendo encontros, seminários e treinamentos com o objetivo de aprofundar condições para que os diversos grupos, livres em suas realizações locais e regionais, possam alcançar significativos.

Torna-se consciência de que um fator importante que contribui para o desenvolvimento desses grupos é a solidariedade, o apoio e o trabalho conjunto com outras entidades afins. A isto queremos chamar de

A nova solidariedade, entendendo nesse trabalho, além das preocupações, nossa linha de ação e as outras que nossos grupos, a partir, insistem, a luta não-violenta, desenvolvimento desses grupos do Serviço Nacional Justiça e Não-Violência no Brasil. Por isso, a luta e esperança na cidadania!

Marco Antônio Gonçalves

# Conferência Mundial de Religião e Paz

## (WCRP) Internacional

**Relatório da consulta preparatória para a V Assembleia da Conferência Mundial de Religião e Paz (WCRP) em San José, Costa Rica, sobre o tema "A construção de paz através da promoção de confiança mútua:**

**O Papel da religião com referência especial aos problemas e contribuições das tradições culturais e religiosas aborígenes."**

**N**a qualidade de uma organização sul-americana ligada à religião que luta pela paz e que tem sede continental e atua consultiva na ONU, a SERPAJ foi convidada a participar numa reunião preparatória para a Quinta Assembleia da Conferência Mundial de Religião e Paz (WCRP).

Haydee Cancelas de Salazar, Quito, Equador, e Ricardo Wangen de São Leopoldo, RS, Brasil, foram os representantes presentes da SERPAJ.

Outras entidades representadas pelas pessoas presentes incluíram: Coordenadora de la Pastoral Aborígen (CO-PA), Universidad para la Paz, Asociación Cultural Ezequiel de Costa Rica, Instituto Interamericano de Derechos Humanos (IIDH), Asesor Nacional de Educación Indígena, Universidad de Costa Rica Escuela de Psicología, Instituto Costarricense de Enseñanza Radiofónica, Consejo Latino Americano de Iglesias (CLAI), Centro Eclesiástico Antonio Valdivieso (Nicarágua).

Foi para nós de SERPAJ muito interessante encontrar pessoas de diversos credos e religiões com o mesmo espírito de luta para justiça e paz. A reunião aprofundou a consciência das injustiças reinantes na América do Sul e Central, especificamente entre os indígenas nestas áreas. Fora desta reflexão importante, ficaram as represen-

tantes dos negros brasileiros e suas expressões religiosas e também os indígenas da área brasileira que estão enfrentando uma política genocida. Em parte, SERPAJ representa este clamor: seria de bom alvitre, no entanto, nas próximas reuniões ter pessoas físicas que representem este setor.

Como resultado desta consulta em San José saiu um documento anexo a este relatório.

Passou os relatos específicos da consulta em San José, Costa Rica.

A consulta teve lugar na Universidade para Paz, Cidade Colón, Costa Rica a uns vinte e cinco quilômetros de San José. Os participantes foram hospedados no Seminário Bíblico Latino-Americano em San José. A universidade que acolheu a consulta foi criada pela Assembleia Geral de ONU em 3 de dezembro de 1980 com a finalidade de promover a educação para a paz em escala mundial. Ao início da consulta, Dr. Francisco Barahona, reitor da universidade, deu as boas vindas e esclareceu a função da Universidade para Paz. Dr. John B. Taylor de Genebra, Suíça, e Dr. Wm. P. Thompson, dos Estados Unidos, representaram a WCRP. Dr. Taylor, além de introdução, esboçou os objetivos da consulta.

Antes de entrar em pormenores da consulta convém resumir, em traços largos, para os leitores Sul e Central

Americanos, a história, objetivos e função da Conferência Mundial de Religião e Paz (WCRP). Já antes da Segunda Guerra Mundial, o sonho de um encontro entre líderes religiosos à procura da paz estava presente no Japão. Este desejo foi fortemente reforçado pela tragédia de Hiroshima e Nagasaki. Em 1952 um grupo do Japão tomou a iniciativa em prol desta finalidade. Realizou-se, então, em 1968, um projeto piloto, um Simpósio Inter-Religioso e Internacional sobre Paz na cidade de Nova Delhi, na Índia. Nesta consulta foi feita a recomendação de que se formasse um conselho permanente de religiões mundiais para a paz com justiça. O primeiro impulso em prol desta organização partiu dos Budistas e outros religiosos do Japão. Em seguida, líderes religiosos de três países, Japão, Estados Unidos e Índia, formaram as bases da organização da primeira assembleia mundial que teve lugar em Kyoto, Japão, 1970. Nesta assembleia havia a participação de 444 pessoas, incluindo 219 delegados. As religiões representadas nesta conferência incluíram Budistas, Cristãos, Hindus, Judeus, Muçulmanos, Shintoístas,

Sikhs, Zoroastrianos e outros. Nesta conferência, como coordenador de um grupo, encontrou-se Dom Helder Câmara. Outros Sul-Americanos presentes foram Emilio Castro, Uruguay, e Dr. Leopoldo Núñez, Argentina.

A consulta preparatória em San José se reuniu sob o tema "A construção da paz através da promoção de confiança mútua: O papel da religião com referência especial aos problemas e contribuições das tradições culturais e religiosas aborígenes". Com este intuito, a consulta procedeu levantando a problemática dos povos e, em especial, dos indígenas da América do Sul e Central, pelos representantes. Ouviu o testemunho de todos, um documento foi confeccionado refletindo a realidade desta área e colocando recomendações e tarefas para os religiosos. Também este apelo foi dirigido à quinta assembleia da WCRP. Destaco aqui algumas colocações que concorreram à consulta para a coleção final do documento:

1. Quanto a WCRP, Dr. Taylor colocou o seguinte: A América Latina é o único lugar no mundo onde a WCRP não tem uma base. A WCRP reconhece a importância das culturas tradicionais e outros fatores, por exemplo: (a) a contribuição cristã através da Teologia da Libertação; (b) a presença do grande nú-

## Apresen

Reunidos na Universidade para a Paz, na Cidade Colón, Costa Rica, nos dias 09 e 10 de setembro de 1988, nos representantes de diferentes organizações latino-americanas com os temas da justiça, da paz e da vida em todos os seus dimensões e temas nas lutas concretas pelo respeito ao ser humano, analisamos a situação presente da América Latina e apresentamos como nosso aporte a V Assembleia Geral da Conferência Mundial sobre Religião e Paz.

Nossa América Latina se caracteriza, entre outras coisas, por:

### 1. MILITARISMO PREDOMINANTE

A presença militar é histórica e atual, está nas ditaduras ou presente nos mais variados setores da economia e da sociedade e a serviço das elites dominantes e dos grandes interesses econômicos.

### 2. ARMAMENTISMO DESENFREADO

A cultura (ideologia) militar tem justificado enormes investimentos em armamentos em detrimento da situação básica dos povos, como educação, saúde e alimentos com gastos que chegam a quase 50% dos pressupostos de alguns países.

### 3. CULTURA DO MEDO

Imposta pelas constantes ditaduras, pelo sistema econômico injusto que gera a instabilidade social, pela pressão estatal que tem eliminado a vida de centenas de milhares e obriga a outros tantos de apertadores, esta cultura de medo impede a livre manifestação do pensamento e o estabelecimento de instituições e verdades democráticas.

### 4. RELIGIÃO IMPOSTA

O processo de reconquista e de colonização foi acompanhado pela imposição da religião e da cultura dos coloniza-

dores. Em grandes setores da população foram impostas aos nativos sem um mínimo de respeito as suas tradições religiosas e aos seus valores morais, éticos, sociais, culturais e espirituais.

O processo de imposição religiosa vem agravando pelo "trabalho" de alguns missionários que, além de não respeitarem o que já existe, contribuíram para dividir povos, etnias e grupos sociais para o estabelecimento de divisões e competições.

### 5. MODELOS ECONÔMICOS IMPOSTOS

Os modelos econômicos impostos na América Latina têm sido impostos desde há muito pelos interesses econômicos resultando em graves injustiças sociais, exemplificadas de forma dramática na posse pela terra, em uma completa dependência dos países que fazem os grandes centros econômicos e impossibilitando o desenvolvimento dos povos e promovendo um subdesenvolvimento crescente.

### 6. DEVASTAÇÃO ECOLÓGICA

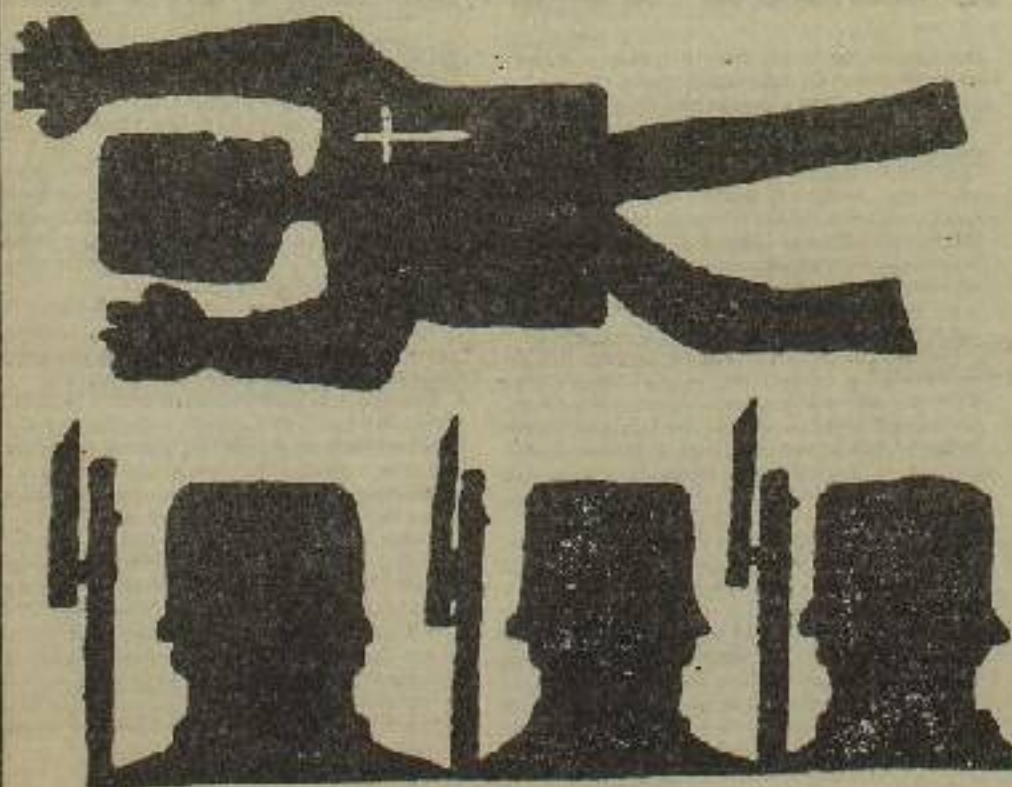
O modelo econômico imposto pela exportação de matérias-primas são um atentado constante contra a natureza. Ainda, a cultura dominante, incluindo os militares, tem justificado ações que destroem a vida.

### 7. CULTURA DA VIOLENCIA

A violência está oficializada nos instrumentos repressivos do Estado, nos grupos paramilitares, esta divulgada pelos Meios de Comunicação de Massa, avalizada pela ideologia militar e financiada há muito por interesses econômicos.

### 8. SINAIS DE ESPERANÇAS

Ao mesmo tempo reconhecemos que existe na América Latina sinais de esperanças, seja nas primeiras lutas pela justiça e pela paz, seja pelas lutas por





## ntação

uma melhor distribuição de terra com um exemplo concreto disto, seja pela crescente conscientização de seus direitos que os oprimidos têm fido, a crescente participação dos movimentos religiosos nas lutas pela paz, justiça e preservação da natureza, e crescente participação da cultura indígena em nossa sociedade, por uma maior consciência de nossa união latino-americana com o alargamento do Grupo de Contadora e do Grupo dos Oito, pela crescente solidariedade mundial aos que sofrem.

Diante estas conclusões, sugerimos à V Assembleia Geral da Conferência Mundial sobre a Religião e a Paz:

### 1. QUANTO AO ARMAMENTISMO-MILITARISMO

— Que as religiões se empenhem na tarefa de conscientização de que as guerras atendem o interesse de uma minoria, que são desumanas, atentadoras à vida e pecaminosas, e que a corrida armamentista, seja nuclear ou convencional, agrava as injustiças sociais e obstáculo ao pleno desenvolvimento dos povos.

— Que as religiões trabalhem por uma construção de confiança entre os povos por um compromisso com a justiça e o amor como via alternativa diante da força das armas.

— Que as religiões atuem como intermediárias nas soluções dos conflitos.

### 2. QUANTO AOS DIREITOS HUMANOS

— Trabalhar pela liberdade religiosa e o respeito às diferentes tradições religiosas e culturais.

— Denunciar o uso da religião como instrumento de opressão, violação e imposição cultural.

— Apoiar os movimentos que lutam pela paz e a justiça, incluindo os que trabalham por uma justa distribuição de

terra ou por sua devolução a seus verdadeiros donos e pelo direito à nacionalidade.

— Promover os valores positivos das tradições religiosas dos povos indígenas e sua cosmovisão que têm uma proposta de relacionamento harmonioso entre o ser humano e a natureza.

### 3. QUANTO AO ECONOMICO

— Apoiar a criação de uma nova ordem econômica internacional, que seja mais justa e que elimine as estruturas de dependência.

— Apoiar os movimentos que buscam o desenvolvimento integral dos povos.

— Denunciar a injustiça da Dívida Externa, caso em sua grande maioria por mecanismos centáveis, buscando uma solução justa para o caso.

### 4. QUANTO À PAZ

— Desafiar as religiões e envolvê-las na tarefa da educação para a Paz, com prioridade para as crianças e jovens.

— Denunciar o uso da religião para justificar as guerras.

— Denunciar as guerras como um atentado ecológico, desestabilizador das estruturas econômicas e promotoras de injustiças.

— Apoiar o trabalho realizado pela Universidade para a Paz.

— Utilizar as comemorações dos 500 anos de colonização da América como elemento conscientizador para a Paz e a justiça.

— Denunciar os esquemas educativos que promovem discriminações raciais, sociais e culturais trabalhados por sua transformação.

— Apoiar as questões de Paz através de "Esquelas II" e outras que já estão em andamento em outras partes do mundo.

(tradução: Jesus M. Jimenez)

ment de judeus e Muçulmanos na América Latina; e a riqueza e contribuição da espiritualidade aborígene.

2. Desde os tempos da colonização, havia o problema da alienação do indígena da sua cultura e, por conseguinte, o sentido da vida, pois os dois fatores estão intimamente ligados. Há necessidade, então, que os indígenas se organizem em nível continental para revalorizar sua cultura e espiritualidade e resgatar a sua própria história. A WCRP poderia ser uma instituição que auxiliasse na implementação deste processo.

3. A evangelização feita pelos brancos sempre desprezou a cultura indígena, afirmou um representante dos Aymaras da Bolívia. Esta cultura foi rejeitada pela Igreja Protestante. Para a construção de confiança haverá a necessidade de uma releitura da Bíblia a partir da cultura indígena. De modo semelhante, incluíam-se também os afro-brasileiros cujos cultos e expressões religiosas foram reprimidos. Representação autêntica desse setor deverá ser providenciada nas reuniões futuras da WCRP.

4. Por razões de expansão econômica e gana de poder, os indígenas foram, e ainda estão sendo, violentamente privados da sua terra e seus meios de sustento. Este processo ainda continua e se evidencia na Guatemala e no Brasil.

5. O sentimento de medo tem sido um fator principal utilizado pelo colonizador e pelos militares para controlar, dominar e explorar o povo. A religião, quando é mal-entendida e está nas mãos dos poderosos, pode ser destrutiva. Por outro lado, no sentido certo, a religião deveria ser uma força para criar unidade na diversidade e, através do diálogo, fo-

mentar uma confiança mútua. A WCRP tem precisamente o intuito de fornecer espaço livre e amistoso onde as religiões do mundo possam ouvir uma a outra e, ancoradas na realidade que nos cerca e através de diálogo franco, criar confiança mútua. Esta confiança, por sua vez, servirá na luta para a paz com justiça.

6. Em vista das vésperas da celebração da descoberta das Américas e da colonização branca da América Latina, os participantes sugeriram que não devemos celebrar a data como uma vitória ou conquista gloriosa; antes, a data deve ser lembrada com arrependimento e penitência.

Comentário do relator:

O desfecho das nossas discussões em San José está bem reproduzido no documento da consulta anexado a este relatório. O encontro foi salutar para nós, militantes do SERPAJ. Para a quinta assembleia em Melbourne, Austrália, concordamos em convidar Dom José Maria Pires, de João Pessoa, PB. Pois ele representa não apenas a CNBB, mas também a raça negra, que constitui uma parcela grande do povo brasileiro.

A parceria com a WCRP terá vantagens muitas para o SERPAJ. Em termos de filosofia de luta, há poucas diferenças. Só que o SERPAJ tem o dever de ter mais representação na base e está engajado na luta em si.

A internacionalização da WCRP apresenta uma vantagem grande em termos de apoio para as lutas nacionais. Além disso, a política planetária da WCRP ajuda-nos a ver além dos limites nacionais para uma paz com justiça internacional.

Nós, como militantes da Justiça e Não-Violência, podemos aprender muito da filosofia básica da Conferência Mundial de Religião e Paz. A meta do movimento é criar, através de diálogo aberto e franco, confiança mútua. Tanto Gandhi quanto Martin Luther King, Jr. enfatizaram o "fator confiabilidade". Seremos "confiáveis" quando nos poder (quiere-servir) até sobre o inimigo. Não vamos ganhar este poder autêntico por meio de sutilezas, manipulações e demagogias — assim não se cria confiabilidade. Se nós temos dificuldades, especificamente no Brasil, quanto ao relacionamento entre pessoas, núcleos ou religiões, deveremos nos examinar mais de perto e nos perguntar: somos confiáveis? Se não estamos fazendo progresso nas lutas, será que a falta de confiança está nos drenando esta força? Como religiosos, somos motivados pelo Evangelho. — Lenin disse: "Confiança é muito bom, mas controle é melhor". Pense ou que o cristão diz que através de confiança mútua nós podemos compartilhar o poder para construir a nova sociedade.

Esperamos que a Quinta Assembleia da WCRP possa criar mais laços de confiança entre os líderes religiosos do mundo e assim diminuir as tensões entre os povos do mundo, para que haja menos gastos em armas, mais dinheiro para a alimentação de crianças famintas e mais possibilidades para o futuro dos povos.

Ricardo Wangen

cc: Dom José Maria Pires  
Dr. John B. Taylor  
Haydee Canelas de Salazar  
SERPAJ - Florianópolis (para boletim)  
IECLB - P. Dr. Gultfried Brakemeier

**E**stamos acostumados a debater os aspectos não-violentos da Revolução Sandinista de Nicaragua, ficamos felizes ao ver que os não-violentos não se omitiram, se posicionaram ao lado de povo e inclusive tomam parte no governo revolucionário como é o caso do nosso irmão Miguel D'Escoto. Entretanto, gostaria de hoje convidá-los a uma reflexão sobre uma outra revolução, a Revolução Islâmica do Irã.

Nesta revolução muitos aspectos são perfeitamente compatíveis com um método de luta não-violenta, além é claro, de ações genuinamente não-violentas que foram usadas como tática, como: manifestações públicas, caminhadas, greves, reverências de lamentações e ação de graças aos mártires da revolução. Explorar as contradições do regime:

É importante observar que o Ayatolá Khomeini soube explorar com extrema habilidade as contradições do regime teocrático do Xá Reza Pahlavi para eliminá-lo utilizando o material farto e abundante produzido pelo próprio sistema, ou seja, as suas corrupções, vaidades e despotismos. As diferenças culturais e as distorções das informações têm nos dificultado uma melhor leitura desta revolução e por conseguinte nos impedido de reconhecer o seu real compromisso social e apoio popular.

#### Proposta alternativa de poder:

Para que a revolução acontecesse foi preciso construir uma proposta concreta de poder para substituir o despótico que estava instalado, esta tarefa ficou a cargo do CENTRO TEOLÓGICO FAIZIYYEH da Cidade Santa de Qum, onde trabalhava e vivia o Ayatolá Khomeini até ser exilado na França de onde comandou a revolução. Este controlador por Khomeini elaborou uma tecnologia engajada que muito se assemelha à nossa Teologia da Libertação, com a diferença de que indicava aberta e claramente o caminho e a meta a ser atingida, a República Islâmica do Irã.

#### A superação do medo:

Outra condição indispensável para a revolução é a afirmação do conflito e a superação do medo. O medo é um dos fatores que mais atrasa o processo revolucionário. No Irã a superação do medo foi produto de longo processo de trabalho de base, porém uma data é muito significativa nesta pedagogia, o dia 7 de janeiro de 1978. Um jornal pró-regime publicou um artigo contra o Ayatolá Khomeini que se encontrava no exílio. Este artigo foi a gota d'água. O povo veio às ruas e praças, os que sabiam ler o faziam em voz alta e todos se indignavam ante os insultos ao seu líder. A repressão à aglomeração foi violenta e fez várias mortes. O preâmbulo da Constituição do Irã assim descreve estes

## Aspectos Não-Violentos da revolução Islâmica de Irã



atos: "A publicação pelo regime de um artigo insultante contra a sagrada posição do clero em geral e do Imam Khomeini em particular a 7 de janeiro de 1978 (12 Dey 1356 calendário Solar Hegira) acelerou o movimento, e provocou uma explosão de ira entre o povo em todo o País".

O regime tentou conter a ira vulcânica do povo afirmando, contra os manifestantes, porém isto não amedrontou o povo, ao contrário deu vida e calor à solidariedade que se demonstravam nas cerimônias de lamentações ao 7º dia e de ação de graças ao 40º dia da morte dos mártires da revolução. Estas cerimônias foram proibidas e cada vez que se realizava, o regime reprimia violentamente fazendo novos mártires que eram lamentados na semana seguinte e assim por diante.

#### Ações tipicamente não-violentas

Para enfrentar a repressão, os grupos organizados protegiam-se com os elementos sagrados do Islã, outras vezes levavam flores e ofereciam aos soldados; Ham na Sagradas Escrituras em voz alta para lembrar aos soldados que eles estavam cometendo pecados; deitavam-se nas ruas para impedir que os carros da polícia passassem; se articulavam com as mães, avós, filhas, namoradas, enfim as pessoas que eram mais caras aos membros das forças de repressão para pressioná-los e levá-los a desobedecer às ordens contra o povo ou mesmo abandonar estes organismos e integrarem-se à luta. Cada vez que conseguia um ato de desobediência ou uma deserção anunciavam no aos quatro ventos, principalmente à imprensa internacional que cobria a revolução. Carunchamento das forças de repressão

O processo brutal de repressão quando bem trabalhado pelas vítimas atinge seus próprios executores pelas suas contradições internas, os soldados e oficiais de baixa patente normalmente são filhos das classes populares e ganham salários bai-

xos, sofrendo portanto as mesmas privações que todo o povo, além do que quase sempre se defrontam no ato de repressão com seus parentes e amigos, que estão do outro lado.

A revolução Islâmica soube explorar estes aspectos e cada vez que o Ayatolá Khomeini pedia deserção acontecia uma debandada no exército e deixava os oficiais atônitos que começavam a brigar entre si, isto debilitou sobremaneira as forças de repressão e por conseguinte diminuiu o poder do tirano instalando o poder paralelo.

Quando a revolução já havia alcançado o consenso, e as Forças Armadas estavam tefeladas a ponto de não atender ao comando dos oficiais e muito menos do ditador, o Ayatolá Khomeini anunciou seu regresso ao Irã em aberto desafio ao Xá. O Xá tentou impedir a volta do Ayatolá porém percebeu que já não tinha poder para isso, fugiu do país deixando em seu lugar um preposto nomeado, chamado Shapur Abakhtian.

Ao chegar ao aeroporto de Teerã, o Ayatolá era recebido por uma multidão de centenas de milhares de pessoas que festejavam o colapso total do poder da tirania. Em seu discurso o Ayatolá assumiu pessoalmente o comando da luta e instalou ali mesmo um poder paralelo, que o povo prontamente reconheceu. Neste momento passaram a existir dois poderes no país, um oficial e outro revolucionário. Os últimos oficiais que ainda "comandavam" a repressão desertaram e procuraram fugir para não ser presos pelos revolucionários e julgados mais tarde. Assim, dias depois, triunfava a Revolução Islâmica do Irã aos 11 de fevereiro de 1979.

#### A religião não foi o ópio do povo

A Revolução Islâmica do Irã, mais que qualquer outra, nos dá prova que a religião não é necessariamente instrumento de alienação, ela é antes de tudo anúncio de justiça e fraternidade, portanto, elementos concretos e altamente revolucionários.

Claro que precisamos considerar os aspectos culturais e históricos do Irã para compreender o seu processo de revolução vitoriosa, assim como devemos fazê-lo no caso da Índia com Gandhi, Nicaragua com Sandino e Carlos Fonseca.

Conversando com o Ayatolá Vafar Subhani, professor de Teologia Dogmática na Cidade Santa de Qum, e naturalmente um revolucionário islâmico, recolhi algumas frases que dão bem uma visão da proposta e conteúdo ideológico desta revolução. "Nossa revolução é antes de tudo religiosa, é uma volta para

Deus", "A base ideológica da nossa revolução é Deus". "A promoção da justiça e igualdade no Irã, provém da nossa fé em Deus", "A revolução só triunfou e se mantém firme porque é uma revolução popular", "Quem defende a revolução no Irã é o próprio povo", "O Islã nos manda lutar contra a opressão em qualquer parte onde ela se encontra", "Não fracassamos porque estamos com Deus", "O povo está conosco", "Nós pagamos e estamos pagando um preço muito alto pela nossa independência", "Não queremos nos alinhar com qualquer potência, queremos a união do terceiro mundo", "Não somos nem capitalista nem socialista, somos seguidores de Deus e sua justiça", "Os oprímidos um dia governarão a terra: Está escrito no Alcorão! Isto só é possível sob a bandeira de Deus", "O Deus dos cristãos é o mesmo de Maomé, para que nos unamos não precisamos fazer proselitismo, o Deus único é o que importa".

Como vemos é uma revolução religiosa, e é por esta razão que deve ser lida, quanto ao sistema econômico eles se recusam a se enquadrarem como socialistas, capitalistas ou comunistas. Para descobrirmos qual é o deles, vamos ler a Constituição do Irã.

Artigo 44: "A economia da República Islâmica do Irã é baseada em três setores: público, cooperativo e privado.

O setor público abrange todas as grandes indústrias, as indústrias básicas, o comércio externo, as grandes minas, bancos, os seguros, os programas energéticos, as grandes barragens e sistema de irrigação, rádio e televisão, os correios, os telegrafos, a aviação, a navegação marítima e as estradas de ferro devem estar sob a responsabilidade do governo.

O setor privado abrange a parte da agricultura, indústria, criação de animais, comércio e serviços que complementam as atividades econômicas, tanto estatais como cooperativas. A lei da República Islâmica protege a propriedade nestes três setores, sempre que estiverem de acordo com os outros princípios que figuram neste capítulo, não transgredindo os limites da lei islâmica."

Bem, aí está um pouco da caminhada e onde chegaram. Penso que muitos das meios usados por estes irmãos, que à sua maneira fizeram uma revolução vitoriosa, podem ser usados em outras partes, principalmente na América Latina. A não-violência tem muito o que aprender dos Iranianos por incrível que pareça.

Rosalvo Salgueiro

Do Grupo de São Miguel Paulista. Atualmente liberado para prestar serviços como Secretário Executivo na Coordenação Geral do SERPAJ-AI.

**Companheiros Marco e Silvia — O SERPAJ deseja felicidades no casamento**

# Movimento de libertação e a WRI

Publicado em 1968

A WRI é em 1º lugar um movimento de libertação. Nós trabalhamos pelo Direito do homem à liberdade: Liberdade para viver sem fome, guerra, peste; Liberdade para viver sem exploração econômica, social, racial e cultural; Liberdade para o indivíduo manifestar sua vontade própria e desenvolver sua inteira potencialidade como ser humano criativo; Liberdade para desenvolver capacidade social, tantas vezes destruídas por estruturas autoritárias, que permitem ao homem viver em comunidade e ultrapassar o individualismo egoísta. Devido a esta confiança na paz, surge nossa oposição à guerra e aos sistemas que exploram e corrompem tais como o colonialismo, o capitalismo e as formas totalitárias de comunismo. De fato as implicações desta nossa confiança tocam todos os aspectos da atividade humana. Nós queremos um sistema educacional que liberte em vez de oprimir o espírito humano, uma organização econômica que seja democrática e de poder dos trabalhadores fundamentada por uma revolução total não violenta.

O nosso pacifismo e a resistência à guerra fazem parte nesta visão de homem livre. Uma revolução violenta cria uma estrutura violenta na qual após terem mortos muitos inimigos, se torna fácil matar muitos amigos por defenderem "posições erradas" uma vez pegado nas armas é difícil deixá-las. Se a violência pode ter — tal como Farron sabe — um efeito libertador nos oprimidos também tem um efeito brutalizador. Costuma-se dizer que uma revolução não-violenta é um método demasiado lento, e que a violência mais rapidamente traz justiça e liberdade.

Em contradição a isto nós damos o exemplo do Vietnã onde um luta violenta durou sem interrupção 22 anos e houve mais de 1 milhão de Vietnamitas mortos e a revolução ainda nem sequer começou.

Será fácil confrontarmos com a brutalidade e desumanidade das ações Americanas no Vietnã e o apoio americano a regimes opressivos em outros lugares do mundo, perdemos-nos em raiva de maneira a esquecer algumas das lições desse século.

Aqueles que usaram o método da guerra para resolver o problema da Alemanha, Itália e Japão, não se deve também esquecer que 50 milhões de seres humanos morreram nessa guerra, e que o povo americano que entrou nessa guerra com tanto idealismo e tão cheio de amor a crueldade dos Alemães e dos Japoneses, acabou a guerra lançando 2 bombas atômicas e ficou tão insensível a partir dessa altura que até hoje não sente quaisquer remorsos. Nós devemos manter presente a heróica experiência do povo Russo durante a sua revolução que começou com o apoio moral de quase todos os movimentos progressivos no mundo e que, eventualmente, produziu um Estado que matou milhões dos seus próprios cidadãos em prisões e campos de trabalhos forçados, oprimiram as nações da Europa de leste e até nos dias de hoje continuam a prender escritores que tentam exercer as mais elementares liberdades.

Nós devemos perguntar aos nossos irmãos e irmãs em movimentos de libertação violenta se eles estão seguros que após essa revolução sangrenta poderá ser criada uma sociedade justa, e se eles acreditam que a experiência Russa foi simplesmente o resultado de erros teóricos



e táticos e da intervenção do ocidente.

Todos os quais devem ter certamente contribuído ou se não seria grande responsável pela falha da revolução, o erro básico de acreditar que a violência, durante a revolução e na revolução do problema econômico e social, poderia trazer justiça e liberdade. O homem não é livre quando está submetido a violência e assim a luta contra a violência tem de ser vista no contexto da saforço revolucionário para libertar a humanidade.

Nós sabemos que a violência toma muitas formas e que para além da violência direta de armas e bombas, também existe a violência silenciosa da fome, doença e desumanização de homens e mulheres apaludados em sistemas exploradores.

Como resistência que vem do nosso conhecimento de que nós não temos respostas para muitos problemas de uma revolução, devemos contudo dizer sempre que o homem não deve organizar a violência contra outros homens, seja isso numa revolução, numa guerra civil ou em guerra entre as nações.

Se há quem diga que a nossa posição é utópica e de que as pessoas podem voltar-se para a não violência apenas depois da revolução, nós contraponemos que a não ser nós tomarmos a não-violência, nunca virá o dia quando todos nós aprendamos a viver sem violência. As raízes do nosso futuro estão aqui e agora, nas nossas vidas e ações. No entanto o nosso não-comprometimento com a violência não quer dizer que sejamos hostis para com os movimentos revolucionários do nosso tempo, apesar de algumas ações com os quais possamos não estar de acordo.

É-nos impossível estar moralmente neutros na luta entre o povo do Vietnã e o governo Americano. Nenhum de nós pode estar moralmente neutro na luta entre o povo da Hungria e a União Soviética 12 anos atrás. Nós não apoiamos os meios violentos usados pelo NLF e Hanoi mas nós apoiamos os seus objetivos na procura da libertação do Vietnã da dominação estrangeira. Nós, particularmente, damos o nosso apoio ao movimento Budista que, com grande risco e com pouco apoio da opinião pública mundial

tem lutado pela independência sem usar a violência. É particularmente importante para os pacifistas manter um contato estreito com estes elementos dos movimentos revolucionários que calmamente tentam usar via não violenta.

Nós não somos românticos em relação à não-violência e sabemos como é difícil a sua utilização. Por isso nós sugerimos aos nossos amigos que não tem alternativas a não ser o uso da violência como forma de libertação, para olharem os efeitos dessa posição.

A violência revolucionária destrói o inocente tanto quanto a violência do opressor. O soldado americano no Vietnã não é a causa do imperialismo americano, mas apenas o seu agente. Ele é tal como o vietnamita que ele oprime, vítima do imperialismo americano.

E há aqueles que são inocentes, num sentido mais sobrio, como é o caso dos cidadãos que são inevitavelmente mortos durante a guerra.

É claro que há que distinguir entre a violência dos americanos que é criminosa e a dos vietnamitas que é trágica (desesperada).

Também de considerar o argumento daqueles que criticam os pacifistas porque não têm uma resposta para o problema, por exemplo, da África do Sul.

Nós sabemos isso e estamos conscientes das nossas próprias limitações. Mas tal como todos movimentos não violentos falham na África do Sul, assim também falharam todos os violentos.

Há momentos na história que não podem ser resolvidos imediatamente, quer usando a violência, quer a não-violência.

Na Espanha, por exemplo, tem havido apelos organizados para ações violentas contra Franco ao longo dos últimos 20 anos, no entanto, Franco ainda continua no poder.

O assassinato de Martin Luther King é lido com frequência como a derrota final da não-violência.

Certamente que a morte de Clu Guovara será também uma evidência da derrota final da revolução violenta na Bolívia.

Nós lembramos a todos os pacifistas e a todas as seções da WRI que a maior contribuição que podemos fazer para os movimentos de libertação não é aprofundando o debate sobre quais os movimentos e que usam violência ou não, mas trabalhando ativamente para acabar com o colonialismo e imperialismo atacando os seus centros de poder no ocidente, porque eles são responsáveis pelos fatos que levam as pessoas em direção da tragédia da violência e o esquecimento para muitos dos oprimidos, dos métodos não violentos de revolução social.

Uma das razões básicas pelas quais nós utilizamos a não-violência mesmo quando parece ter falhado ou quando não oferece uma resposta imediata, é porque a revolução não violenta não procura apenas a libertação de uma classe, raça ou nação. Ela procura a libertação da humanidade. Temos a experiência de que a violência empurra o peso do sofrimento e justiça de um grupo para outro, que ela liberta um grupo mas prende outro, que ela destrói uma estrutura autoritária, criando uma nova.

Nós saudamos todos aqueles que utiliza a ação não violenta nas suas lutas apesar das tendências e pressões atuais no sentido de violência. Nós também saudamos todos os irmãos e irmãs em todos os movimentos de libertação. Nós trabalharemos com eles sempre que seja possível, sem contudo largar a nossa fé, de que a fundação de futuro tem de ser feita com base no presente e de que uma sociedade sem violência tem de começar a ser construída desde o início sem violência.

## PRESERVAR A NATUREZA

É GARANTIR

A VIDA



AÇÃO CULTURAL PELA PAZ

serviço de justiça e paz

SERPAJ - QUIXADÁ

# O poder do povo: Transformar o mundo sem armas

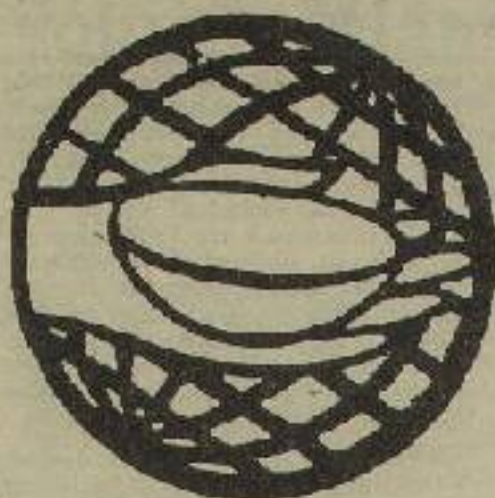
**A** imagem de uma multidão desarmada frente a soldados armados e com tanques é mais que um exemplo de poder do povo, uma força capaz de derrubar Marcos nas Filipinas e de provocar eleições na Coreia do Sul.

O poder do povo se expressa de várias formas: a característica mais evidente é a resistência: a resistência do povo ante o poder estabelecido; resistência de grupos ante a opressão; resistência ante ameaças contra a sobrevivência.

Assim mesmo a resistência se expressa em uma atividade construtiva, quando o povo tenta construir o modelo de comunidade que deseja. O poder da gente se encontra em ação coletiva. O poder existe, também, segundo as palavras do autor tchecoslovaco Vaclav Havel, em "o Poder dos impotentes", e o poder de "viver a verdade".

O poder do povo começa quando somos conscientes de que nossas ações têm peso.

Isto nos anima a reivindicar o direito a opinar sobre as decisões relativas a nosso próprio futuro e a começar aqui e agora a procurar construir este



## DESARMAR O MUNDO PARA ALIMENTAR OS POVOS

futuro com nossos próprios esforços.

**WRI 19º trienal**

A WRI sempre tem sido uma organização a serviço do poder do povo. Não contentou-se a condenar a guerra, buscamos mediante o poder do povo eliminar as causas mesmas da guerra.

Não contentou-se a dirigir nossas demandas as hierarquias existentes, buscamos possibilitar ao povo assumir a responsabilidade de suas próprias ações.

Este será o conteúdo das estruturas de nossa conferência trienal. A gente se reunirá para falar sobre as diferentes

situações que vivem, sobre suas perspectivas a respeito e sobre sua visão do futuro. Os objetivos serão falar nas vias para a cooperação e ajuda mútua dos participantes, assim poderia ser mais eficaz em suas ações e também participar na elaboração do programa das atividades da WRI para os próximos 3 anos.

**Relato**

Participaram 40 países.  
Falaram do poder do povo e a



luta não violenta em suas próprias realidades.

Os participantes são:

- Resistentes da guerra; antimilitaristas que vivem em contexto diverso e também gente que está numa luta não violenta contra a opressão, a favor do meio ambiente, dos Direitos Humanos e a criação de uma sociedade civil.

**Temas:**

- Organização da resistência não violenta

- Estratégia para a desmilitarização

- Construção de uma sociedade civil

- Construção de um movimento internacional para a paz e o papel dos pacifistas. Ativistas presentes: objetores de consciência, educadores para a paz, feministas não violentas, gandhianos, brigadas de paz, ativistas contra os foguetes bélicos, ecologistas. Todos se comprometem com a não-violência e a luta pela criação de um mundo sem guerra e opressão.

## Artigo 143 da Constituição

O Serviço Militar é obrigatório nos termos da lei.  
§1º - As Forças Armadas compete, na forma da lei, atribuir serviço alternativo aos que em tempo de paz, após alistados, alegarem imperativo de consciência, entendendo-se como tal o decorrer de crença religiosa e de convicção filosófica ou política, para se eximirem de atividades de caráter essencialmente militar.

## ASSINATURAS

Quero receber o Boletim do Serviço Nacional Justiça e Não-Violência. Estou fazendo uma assinatura anual de R\$ 150,00 por ano 1989 US\$ 10,00

Nome.....

Endereço.....

Bairro..... CEP.....

Cidade..... Estado.....

País..... Nº cheque ou Vale Postal.....

Assinatura..... Data.....

( ) Permuta ( ) 01 exemplares

Três assinaturas: ganha uma do presente

Dez assinaturas: ganha uma camiseta do SERPAJ-Brasil

SERPAJ - BRASIL  
BOLETIM NACIONAL  
C. POSTAL - 3387  
88.000 - FLORIANÓPOLIS - SC  
BRASIL

SERPAJ-ARGENTINA  
Rua México nº 475  
Buenos Aires - Argentina

AIR MAIL  
VIA AÉREA

IMPRESSO